PARA REFLETIR

"Professor/a: Profissão de Risco?" Esta indagação orienta o percurso de Vera Candau que, em texto[1] instigante - assim intitulado - explora alguns "riscos" do ofício docente introduzidos, todos eles, por questões problematizadoras. Para os limites deste espaço foram selecionados alguns trechos que, através das perguntas lançadas, podem desencadear rico debate entre professores/as e equipes técnicas das escolas.

Entre saberes e culturas: o que ensinar?

Esta pergunta é na atualidade extremamente desafiadora para nós, professores e professoras. A identidade docente tem estado fortemente ancorada, especialmente a partir do segundo segmento do ensino fundamental, no domínio de um conhecimento específico, do qual o/a professor/a é considerado/a especialista. A posse desse chamado conteúdo não é colocada em questão. Este saber, oriundo do campo científico de referência, dá ao docente segurança e convicção de que possui um patrimônio que lhe é próprio, que lhe corresponde socializar. Este conhecimento foi adquirido ao longo de vários anos de formação universitária e pertence aos iniciados em cada área específica do conhecimento considerado científico. Por outro lado, existem bons livros didáticos que pedagogizam e transpõem estes conteúdos aos diferentes níveis de ensino. Confiantes no nosso saber, formação e nos materiais de apoio selecionados, podemos desenvolver com tranquilidade e competência nossa atividade docente diária.

Esta era a visão dominante, mas a reflexão pedagógica em geral e, mais especificamente, a teoria curricular, nos últimos anos vem questionando fortemente esta concepção do conhecimento escolar. Este passa a ser concebido como uma construção específica do contexto educacional, em que o cruzamento entre diferente saberes, cotidianos e/ou sociais e científicos, referenciados a universos culturais plurais, se dá no dia a dia das escolas em processo de diálogo e confronto, permeados por relações de poder. Conhecimento escolar não é um dado inquestionável e neutro , a partir do qual nós professores/as configuramos nosso ensino. Trata-se de uma construção permeada por relações sociais e culturais, processos complexos de transposição/recontextualização didática e dinâmicas que têm de ser ressignificadas continuamente.

O que ensinar? Como favorecer aprendizagens significativas? Estas perguntas, mais ou menos óbvias e tranqüilas em outros tempos passam, hoje, a ser questões desestabilizadoras e instigantes, que admitem respostas múltiplas, segundo as concepções epistemológicas e educativas que informem nossas práticas cotidianas.

Nossos alunos e alunas: identidades plurais e fluidas que nos escapam a cada momento?

Outra questão que informa a prática docente diz respeito à caracterização de nossos alunos e alunas. Durante muito tempo nos pautamos em nosso dia a dia por uma visão do que se convencionou chamar de aluno médio , certamente uma abstração, mas que constituía uma referência para a docência. De onde veio esta construção? Acredito que se possa afirmar que está baseada numa simplificação de textos de psicologia do desenvolvimento e da psicologia da educação, em que são apresentadas as principais características de diferentes etapas da vida, no nosso caso das fases da infância, da pré-adolescência e da adolescência. Muitas vezes trata-se de elementos que favorecem uma visão homogeneizadora, que tendem a descrever de modo uniforme os/as alunos/as . Tendemos a assumir esta visão uniforme destes personagens e a adequar nosso ensino a esta visão.

Basta entrar em uma sala de aula do ensino fundamental com um olhar sensível às diferenças para que se evidencie a inadequação desta perspectiva. As crianças e adolescentes explodem este modo de encará-los. Apresentam formas de expressar-se, comportar-se, situar-se diante de distintas situações que questionam nossas formas habituais, socialmente construídas, de lidar com elas. Diferenças de gênero, físico-sensoriais, étnicas, religiosas, de contextos sociais de referência, de orientação sexual, entre outras, se visibilizam e expressam nos cenários escolares. Educadores e educadoras nos manifestamos muitas vezes desconcertados com nossos alunos e alunas, diante desta explosão das diferenças. Tendemos, com freqüência, a encará-la negativamente, já não se fazem alunos como antigamente ..., afirmamos explicita ou implicitamente. Os/as alunos/as estão exigindo de nós educadores/as, novas formas de reconhecimento de suas alteridades, de atuar, negociar, dialogar, propor e criar. Estamos desafiados/as a superar uma visão padronizadora, assim como um olhar impregnado por um juízo, em geral, negativo de suas manifestações. Trata-se de abrir espaços que nos permitam compreender estas novas configurações identitárias, plurais e fluidas, presentes nas nossas escolas e na nossa sociedade.

Que significa cidadania em sociedades marcadas pelo individualismo e a cultura do consumo? Qual o papel da escola nesta perspectiva?

Entre os objetivos das escolas, um dos considerados básicos, constitutivos da própria configuração da instituição escolar, é a formação para a cidadania. Mas o que quer dizer esta expressão hoje? Ainda tem sentido afirmá-la? Cidadania, em geral, é uma categoria relacionada com a consciência de pertença a um estado-nação. Serviu historicamente, me atreveria a afirmar, para negar ou silenciar diferenças: Somos todos brasileiros é uma expressão muitas vezes utilizada para superar conflitos e não reconhecer desigualdades e discriminações.

(...)

(...) problematizar a questão da cidadania constitui um desafio importante para nós educadores e educadoras. De que cidadania estamos falando? Que cidadania queremos ajudar a construir? Como ressignificar este conceito que está relacionado com a dimensão pública, sociopolítica e coletiva da vida? Como favorecer uma cidadania diferenciada, que procura articular igualdade e diferença? (...)

Profissão de risco... Certamente ser professor/a ,hoje, supõe assumir um processo de desnaturalização da profissão docente, do "ofício de professor", e ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados para a promoção de uma educação de qualidade social para todos/as. Mas não é isto que permite humanizarmo-nos e humanizar, nos aprofundar nos dilemas de nosso tempo, dilatar horizontes, desafiar, criar? Não são estas as "marcas" da profissão docente?

[1] Texto completo publicado no livro Didática: questões contemporâneas (p.93-98), sugerido em Enriquecendo a ação , e também na revista Novamerica/Nuevamerica (nº 118, jun/2008, p. 60-65), que pode ser acessada no site da Novamerica (www.novamerica.org.br)

NOVAMERICA

Programa Direitos Humanos Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160
Botafogo - CEP : 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL
Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
http://www.novamerica.org.br

Editora ..... Susana Sacavino
Texto Final ..... Iliana Aida Paulo
Supervisão Editorial ..... Adelia Maria Koff
Composição Gráfica ..... Compañia Visual Manteca
Equipe Responsável ..... Vera Maria Candau
Sílvia Maria F. Pedreira
Marilena Varejão Guersola

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

Ano XI | Nº 115 | Set/Out 2011

DATAS SIGNIFICATIVAS

SETEMBRO

16 Dia Internacional da Paz
21 Dia Nacional de Luta dos Portadores de Deficiências
23 Dia Internacional contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Crianças e Mulheres
27 Dia Internacional do Idoso
21 Dia da Árvore

OUTUBRO

02 Dia Mundial da Juventude
08 Dia do Direito à Vida
12 Dia das Crianças
15 Dia do/a professor/a
17 Dia dos Idosos

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

APRESENTAÇÃO

Este é um bimestre com jeito um tanto mágico.

Celebra junto a criança, o/a jovem e o/a idoso/a, como a vida deveria cotidianamente celebrar.

Comemora a música e a poesia, sons da alma humana se revelando.

Acolhe aqueles e aquelas que "falam/ouvem" diferente, "veem" diferente, pensam e sentem de modo especial.

Veste-se de verde para lembrar que Gaia tem direitos que merecem cuidados. De todos e todas.

Como se não bastasse, se perfuma e se enfeita com as cores da recém chegada primavera.

Por tudo isso merece evento especial, o que Sala de aula em movimento animadamente propõe.

Também por tudo isso Temos direito abre espaço para lembrar que dispomos de um Plano Nacional que traça, para a educação básica, princípios norteadores da Educação em Direitos Humanos. Educação que justifica o MEDH e alimenta este boletim.

É ainda o bimestre do/a professor/a a quem Vera Candau presenteia com questões provocativas, porque entende que o melhor modo de ser professor/a é rever e ***se*** rever. Sempre!

E nós, colegas de ofício, oferecemos flores, perfumes e cores da primavera inteira com recado de Guimarães Rosa no "cartão". Recado que é fonte de juventude eterna o que, convenhamos, combina perfeitamente com o bimestre.

A equipe

PARTICIPE

Nosso próximo boletim (último do ano), como já sabe, será escrito por você que anda por aí "movimentando sua sala de aula", com os DDHH marcando o ritmo e tendo o lema/2011 como refrão. **Envie-nos seu material até 26 de outubro** para preencher, com seu trabalho, as páginas centrais da edição nº 116. Para informações adicionais, entre em contato conosco (tel: 2542 6244 ou escola@novamerica.org.br) ou fale com a coordenadora de seu núcleo. **Participe!**

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.
Guimarães Rosa

NOVAMERICA



A sala de aula em movimento

Cara professora, caro professor, propomos evento unificador: a **Semana de Todas as Crianças (e/ou) Jovens** (**todas/todos** expressa a acolhida das diferenças), aproveitando o fato de o calendário de outubro registrar as duas datas: Dia Mundial da Juventude e Dia das Crianças - a escola adequará o nome da semana aos níveis de escolaridade que atenda. A ideia é compartilhar atividades realizadas sobre o tema do ano. Lembrete: material dessa culminância poderá ser adaptado para o Encontro Estadual e uma atividade destacada para o próximo boletim. Sucesso nas três empreitadas.

A 1 Educação Infantil (pré-escola) e Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

- A esta altura já foram desenvolvidas sugestões anteriores, inclusive a da Terra das Diferenças. Para retomar o percurso, a proposta é concentrar o trabalho em diferenças presentes na própria turma criando um jardim que a represente.
- Usar caixas (de sapato, p.ex.) para criar canteiros, cuja quantidade dependerá das diferenças a serem representadas, um canteiro para cada uma delas - de raça/etnia, gênero, religião, origem de pais ou avós, etc. (privilegie as diferenças sociais e culturais):
  - Flores coloridas (de papel, cartolina, E.V.A, folhas de revista... cabos de palito de churrasco), feitas pelas crianças, serão plantadas nas caixas-canteiros, preenchidas com terra. Mesmo que um molde seja usado para facilitar o trabalho, as crianças devem criar suas flores, evitando-se a padronização. Dependendo do espaço disponível, use cartolina ou TNT para fixar as flores (caso os canteiros sejam expostos em paredes);
  - Montados os canteiros (quantos necessários), as crianças farão borboletas para representá-las. Será, então, necessário definir cores para indicar a diferença. Exemplificando: para o canteiro de **opção religiosa**, borboletas azuis serão crianças católicas; verdes, evangélicas; amarelas, espíritas; vermelhas, judias e assim por diante. Novas cores ou as mesmas, para outras diferenças (borboletas vermelhas, meninos; verdes, meninas, para o canteiro de gênero...). Assim, para cada canteiro a criança fará a ***sua*** borboleta, na qual poderá ser escrito seu nome.
- Canteiros prontos, com as borboletas pousadas nas flores, montar o jardim - escolher nome significativo para ele. Identificar cada canteiro, para que quem o veja saiba a que as borboletas se referem. Na opção por um só jardim para toda escola, cada turma será também identificada.

Observações importantes:

- Durante o trabalho (re)discuta o direito à diferença e a importância de respeitá-las. Estimule a conversa sobre elas.
- Chame a atenção para o fato das crianças mudarem de grupo conforme a diferença em foco (aspecto fundamental para compreensão desta como constitutiva da identidade) - ex: todas as meninas têm a mesma cor no *canteiro gênero* e cores diferentes no *canteiro origem de pais ou avós* (cearenses azuis, baianas cor-de-rosa, italianas brancas, cariocas/fluminenses marrons...);
- Finalmente, realce que borboletas diferentes tornam o jardim mais interessante e bonito, assim como as diferenças presentes na turma.

A 2 Ensino Fundamental

Anos iniciais (4º e 5º) e anos finais (6º e 7º)

- Promova aqui atividade similar, porém com maior complexidade. Levantamento prévio indicará quantos/as estudantes de cada turma representam as diferenças em cada categoria (gênero, religião, raça/etnia...) A totalidade será expressa em jardim único, composto por *canteiros da escola* e não turmas. Como realizar o levantamento será objeto de discussão nas turmas e de planejamento conjunto dos/as professores/as. Conforme o espaço disponível, seria interessante fazer canteiros maiores (com flores e borboletas idem), arrumados de forma a possibilitar que se caminhe entre eles. Uma placa destacará o nome do jardim.
- O Estatuto do Bem Viver foi produzido? Ainda não? Há tempo suficiente para fazê-lo. Que tal montá-lo em livrão de TNT, com páginas coloridas e os itens estatutários ilustrados? Para apresentação pública, um só livrão, produzido a partir da convergência e/ou votação de itens das diferentes turmas, ou todos os feitos pelas turmas. Neste caso, cabe variar a apresentação (blocão, imitação de quadros para cada item...). Disponibilizar papel e caneta para sugestões de outros itens por quem desejar fazê-lo (vale muito estimular a participação de visitantes).
- Montagem de jogo de peças casadas dará versão bem divertida ao glossário sugerido na edição 113: numa peça o nome pouco conhecido (barbicacho, holerite...), na outra, o significado ou sinônimo (tira que prende o chapéu do gaúcho, contracheque...). As peças podem ser reunidas duas a duas ou compor um dominó. Em qualquer caso, prever espaço/tempo para que interessados/as joguem . O mesmo pode ser feito com pratos típicos: numa peça a comida (peixe na telha, pato no tucupi...), na outra, a origem regional (Goiás, Pará...). Junto aos jogos, podem ser expostas receitas de pratos típicos e, é claro, também disponibilizados papel e caneta para quem deseje copiá-las.

Observações importantes:

- A produção dos materiais acima é oportunidade para fazer, rever, ampliar, a investigação recomendada antes, não apenas de traduzi-la em jogos;
- A elaboração de regras para processar o jogo faz parte da atividade: tempo permitido para descobertas , pessoas que podem ser consultadas, montagem de equipes como em gincana...
- Insista sempre: vocabulário, sotaque, culinária, usos/costumes, são marcas regionais, são identidades que *diferenciam* nossas regiões e enriquecem nossa cultura (dá para imaginar comida baiana sem dendê, nordestino sem rede para descansar?).

A 3 Ensino Fundamental anos finais (8º e 9º) Ensino Médio, EJA e Formação de Professores/as

- O boletim anterior sugere realização de um festival que, como tal, proporciona culminância bem apropriada para outubro, mês que celebra a música (**Dia Internacional da Música -01)** e a poesia **(Dia do Poeta -04).** Todavia, estas turmas devem encarregar-se de três outras atividades:
- Organização e a aprofundamento da investigação sobre a desigualdade, que o lema/2011 rejeita veementemente, recomendada na edição 113:
  - Atualização/ampliação do material derivado da consulta a diferentes fontes;
  - Seleção do obtido para uma síntese crítica - em mural, jornal falado ou escrito, cartazes por categorias (fontes ou tendências interpretativas predominantes). Selecionar o que for mais relevante para combater a identificação entre diferença e desigualdade e a interpretação de que esta última é inevitável.
- Criação de encenações curtas com predomínio de diferentes linguagem (mímica, expressões corporais) e contação de histórias (inclusive com onomatopeias - ver Enriquecendo a ação), como estratégia para valorizar diferentes formas de expressão. Particularmente estudantes de formação de professores/as deverão preparar apresentações para crianças de sua ou outra escola, de orfanato ou creche... tendo o respeito às diferenças como tema. Haverá melhor maneira de comemorar o mês das crianças?
- Elaboração de atividades para idosos/as, também homenageados no bimestre. Afinal, a diferença geracional é muito importante e merece especial atenção. Além de encenações, declamações e cantos a eles/as oferecidos, conceber espaços para que idosos/as da comunidade:
  - Falem sobre o modo de vida de sua cidade/região de origem (possivelmente haverá pessoas oriundas até de outros países): comidas típicas, danças, canções de ninar, lendas, ofícios...
  - Ensinem receitas, simpatias, ditados populares, expressões e curiosidades de sua região...
  - Relatem histórias interessantes de suas vidas...

  Oportunidade para aprendizagens e estreitar laços com quem tem uma longa vida para partilhar.

- **NOTA:** Como fazemos com freqüência, sugerimos um evento aberto à comunidade porque acreditamos muito nessa prática. Mas, não for possível realizá-lo, promova as atividades entre turmas: uma joga o que a outra criou, visita o jardim na sala da outra, trocam entre si os livrões, encenam umas para as outras, etc. É fundamental ampliar o espaço de cada turma, para além de sua própria sala. Em último caso, faça o trabalho restrito à própria turma e, se possível, convide as famílias para apreciá-lo. Não deixe de propiciar aos/às alunos/as a oportunidade de divulgar o que estão fazendo sobre temas tão relevantes. É assim que tod@as ensinam e aprendem.

NOTÍCIAS

O X Encontro Estadual de Educadores/as em DDHH será em 05 de novembro. Oportunamente, você receberá mais informações. Mas registre desde já a data em sua agenda e comece a selecionar atividade/s realizada/s este ano para a tradicional exposição de trabalhos que possibilita o momento mais significativo do Encontro: a troca de experiências entre aqueles/as que dão vida aos DDHH nas salas de aula.

TEMOS DIREITO!

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: PRINCÍPIOS

A EDH deve estruturar-se na diversidade cultural e ambiental, garantindo a cidadania (...), a equidade (étnico-racial, religiosa, cultural, territorial, físico-individual, geracional, de gênero, de orientação sexual, de opção política, de nacionalidade, entre outras) e a qualidade da educação.

A EDH deve ser um dos eixos fundamentais da educação básica e permear o currículo, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação, o projeto político-pedagógico da escola, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e a avaliação.

ENRIQUECENDO A AÇÃO

Para professores:

CANDAU, Vera. ***Didática: questões contemporâneas.*** Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.

Reúne cinco textos de Vera Candau e outros cinco de diferentes autores/as, afinados/as com a autora para quem é impossível ignorar as diferenças, particularmente as culturais, na educação escolar. Tendo como principal objetivo a inclusão social, o conjunto dos textos trata das dificuldades dos/as professores/as, no cotidiano das escolas e das salas de aula, em lidar com o mosaico de entidades, valores e experiências culturais de crianças e jovens.

Site: www.historiasinfantis.webs.com

Publica várias historinhas, abordando diferenças, solidariedade, convivência, que podem ser encenadas por crianças pequenas - diálogos curtos, **onomatopeias** tão ao gosto da meninada, facilidade de caracterização de personagens (em algumas delas há fotos inspiradoras).

OBS.: Aproveite, professor/a, para trabalhar onomatopeias. Utilizando site de busca encontrará vários sobre elas. Será muito divertido reproduzir sons de animais, da natureza, barulhos de máquinas, timbres humanos... Dá até para comparar com onomatopeias de outros países. Rapidamente obterá material para brincadeiras, encenações, jogos solidários... Explore, assim, outra forma de linguagem, enriquecendo as propostas sugeridas em boletins anteriores.